

COLÉGIO ESTADUAL PAULA SOARES: A PRÁTICA REFLEXIVA COMO NARRATIVAS DA VIDA INSTITUCIONAL

Flávia Obino Corrêa Werle

Resumo

Este texto reflete acerca de registros de vida de uma escola estadual e seus atores. Ao longo de todo o trabalho, narrativas, escritas, reflexões acerca de vivências e acontecimentos são analisadas. Fontes documentais diversificadas sustentam esta reflexão cujo eixo de análise é a narrativa como prática reflexiva e exercício de registro da vida pessoal e institucional, importante elemento mobilizador de interpretações, decisões, visões de mundo. É um texto que fala da vida de professores públicos e das instituições em que trabalharam, como percebiam, o que valorizavam, como se comunicavam e o que decidiam deixar como história sua e da instituição em que atuavam. Mostra que são muitas as formas de prática reflexiva e que ela pode incidir sobre instituições, situações, aspectos do cotidiano bem como eventos e relações hierárquico-institucionais.

Palavras-chave: História institucional, prática reflexiva em situações de gestão escolar, escola pública

STATE HIGH SCHOOL PAULA SOARES: REFLECTIVE PRACTICE AS NARRATIVES OF THE INSTITUTIONAL LIFE

Abstract

This text reflects about the life of a state school and its actors. Along the whole paper, narratives, writings, reflections about living experiences and happenings are being analyzed. Diversified documental sources sustain this reflection, whose analysis axis is narrative as reflective practice and the exercise of registration of both, the personal and institutional life, an important mobilizing element of interpretations, decisions and world views. It is a text that speaks of the life of public teachers and the institutions in which they have worked, how they perceived, what they valued, how they communicated and what they decided to leave as the history, both theirs and of the institution in which they have been active. It shows that there are many ways of reflective practice, and that it can occur in institutions, situations, daily life aspects, as well as in events and hierarchical-institutional relationships.

Key-words: Institutional history, reflective practice in situations of school administration, public school.

Colégio Estadual Paula Soares: a prática reflexiva como narrativas da vida institucional

Este texto, composto a partir da reflexão acerca de registros da vida de uma escola pública estadual e seus atores, desdobra-se em quatro blocos que aconteceram em tempos diferenciados. As fontes escolhidas são as que genericamente contribuem para a história das instituições escolares, quais sejam, “registros, dos mais variados tipos, que podemos encontrar e que, de algum modo, possam apresentar-nos indícios que nos permitam compreender a história das instituições escolares” (SAVIANI, 2004, p. 7 - 8), diante das quais, de acordo com os objetivos da investigação, do enfoque temático e recorte desejado, o pesquisador hierarquiza e seleciona suas fontes. Neste trabalho, escolhemos fontes que constituem narrativas e, num segundo nível de hierarquização, que constituem registros feitos pelos atores institucionais acerca da própria instituição tematizando processos administrativos, decisões e acontecimentos que compõem a instituição do ponto de vista de seus processos político-administrativo-pedagógicos. São narrativas redigidas não como lembranças ou memórias de acontecimentos ocorridos há muito tempo, mas como registros no imediato do acontecimento. As fontes documentais deste trabalho são diversificadas, datadas de 1850, 1876, década de 40 do século XX e início do século XXI.

Este texto, portanto, analisa as possibilidades de intersecção de duas temáticas, a história das instituições escolares e a prática reflexiva, focalizando a escola e seus processos de gestão e a metodologia de registro dos acontecimentos escolares cotidianos. A história das instituições escolares é uma abordagem ampla da vida institucional que poderá assumir múltiplos eixos - a análise da perspectiva filosófico-pedagógica, de seus públicos, da materialidade do espaço físico escolar, da ação discente. A prática reflexiva tem sido uma abordagem utilizada em projetos que reafirmam a importância da articulação teoria-prática, sejam de formação inicial ou de formação continuada de professores. Em trabalho anterior (WERLE, 2004, p. 109 ss), destacamos a importância da preservação da memória institucional, de documentos e de todo o tipo de materialidade que dá corpo às práticas institucionais, embora se constate que, nos diferentes níveis dos sistemas educativos, essa memória não seja tematizada.

Desenvolve-se aqui uma reflexão que, com base em fontes características da história das instituições escolares, destaca ações relacionadas a processos administrativos escolares e a importância da

reflexão e registro da gestão e articulação das políticas públicas no âmbito escolar.

O Colégio público estadual

Poder Temporal – executivo, legislativo e judiciário – e poder espiritual – Catedral Metropolitana e Cúria a ela anexa, ladeiam a Praça Marechal Floriano Peixoto de Porto Alegre, familiarmente chamada de Praça da Matriz, junto à qual estão situadas também importantes instituições culturais a Biblioteca Pública e o Teatro São Pedro. Muito próximo a esse centro do poder, situa-se o Colégio Estadual Paula Soares. Era uma escola anexa ao curso de formação de professores que funcionava na esquina da Rua de Bragança com a Rua da Igreja, onde está atualmente o Colégio Sévigné. Em 1927, quando o Dr. Borges de Medeiros era Governador do Estado, a Escola Anexa ao Colégio Complementar de Porto Alegre passou a designar-se Colégio Elementar Paula Soares. O nome foi uma homenagem a Francisco de Paula Soares, professor, político e médico, nascido, de pai português e mãe uruguaia, na cidade de Montevidéu, em 1825 e falecido, em 1881, em Porto Alegre.

PRIMEIRA NARRATIVA - há 156 anos

Com 21 anos, Francisco de Paula Soares faz exame concorrendo ao provimento vitalício de uma cadeira de professor público. Assim inicia sua longa carreira no magistério. Foi professor no Liceu Dom Afonso em Porto Alegre e diretor da Escola Normal. Com 25 anos,¹ devido a problemas de saúde, viaja a Portugal, quando faz anotações detalhadas de sua viagem, das quais trago alguns fragmentos.

Após 47 dias de viagem, chegamos à barra do porto, mas nos impediram a entrada, sob o pretexto de que, vindo do Brasil, nós estávamos sujeitos à quarentena. Sendo nossa procedência a cidade do Rio Grande e havendo Febre

¹ Seu diário manuscrito em um pequeno caderno de capa dura, foi integralmente digitado e impresso sob a forma de livreto intitulado "Uma viagem a Portugal", de autoria de Francisco de Paula Soares, com 48 páginas, editado, em 1977, por Francisco de Paula Soares Neto, sem indicação de local de publicação, não paginado. O conteúdo do diário é antecedido de um texto de 3 páginas na forma de apresentação situando de maneira breve a biografia de Francisco de Paula Soares. Farei a citação desse diário pela data da edição publicada, ressaltando que foi escrito em 1850.

Amarela no Rio de Janeiro, sem que se houvesse manifestado o mais leve sintoma dessa enfermidade na Província de onde vínhamos, e crescendo ainda que durante nossa longa viagem não tinha havido a bordo nenhuma moléstia, é claro que devíamos ser dispensados da quarentena. Não prestaram as autoridades a menor atenção a tais considerações e tivemos de virar de bordo para o porto de Vigo, na Galliza, mas o vento contrário nos obrigou a mudar de rumo e seguir para Lisboa em cujo Porto entramos com 18 horas de viagem, corridos por um formidável aquilão. O temporal era tal que foi necessário pedir uma âncora mais para poder conter a barca, dentro do Tejo. Apesar da rigeza do vento me conservei sobre o tombadilho, para admirar a beleza do panorama da cidade de Lisboa e das vilas e aldeias vizinhas. O nosso ancoradouro foi defronte da torre de Belém que se alça na margem direita do Tejo, próxima a igreja dos Jerônimos. (PAULA SOARES, 1977, p. 6-7)

É um texto escrito em 1850, há 156 anos. Hoje ainda permanece como narrativa viva, detalhada, clara para nós. O texto, em sua totalidade, entremeia descrições de vilas, caminhos, ambientes natural, arquitetônico e cultural com as relações sociais que o professor Paula Soares vai travando e com os afetos com que os parentes pelo lado paterno o recebiam e lembranças do que lhe haviam contado da infância e juventude de seu pai reavivadas pela passagem pela localidade em que este nascera e vivera antes de migrar para a América do Sul. Por vezes, a narrativa comparava o que via em terras portuguesas com ambientes, situações e pessoas que havia conhecido na cidade de Rio Grande, localidade que há pouco havia deixado no Brasil. Outras vezes, descreve festejos populares ou ainda mostra-se crítico frente a usos e tradições do povo local. As narrativas daquele que posteriormente seria o segundo diretor da Escola Normal de Porto Alegre, são ricas pelo registro detalhado, não só de fatos, mas do contexto físico, social e emocional que constituíam os momentos vividos.

A narrativa que ele produzia também é crítica e interpretativa de fatos e pessoas com quem se relacionava, registrando afetos e desafetos que inspirava. Em seus registros, emerge o médico, o estudioso, uma pessoa apreciadora da vida e que atualizava e rearticulava todos os seus recursos intelectuais e pessoais ao interagir com todas as novidades que identificava.

Dous dias depois de minha chegada a Faisões, principiei a curar pela homeopathia e como era mui feliz em meus curativos, era mui procurado por todos que preferiam ser por mim medicados a se-lo pelo médico de partido, cirurgião Antunes, homem ignorante que havia sido cirurgião da tropa de linha ou talvez enfermeiro e que não tinha os necessários conhecimentos, para exercer uma sciencia tão complicada como é a medicina. Acrescendo a isto que, sendo elle, abinçado (para linguagem vulgar), que significava contratado na nossa, pouco interesse tomava pelos seus fregueses, talvez, porque o pagamento era módico ou mui pequeno e, para esses homens, o interesse pecuniário é o móvel de suas ações. A caridade com que eu tractava a todos, sem distinção de classes, o meu interesse e cuidado com os enfermos foi tal que me vi cercado por infinidade de doentes que vinham das aldeas próximas e até da Galliza, pedir-me allivio para seus males. Si esta nobre virtude da caridade, virtude suprema que é, com razão, considerada como uma das virtudes theológicas, eu tivesse sabido alliar o respeito devido ao culto externo da religião catholica, sem dúvida que teria conseguido o amor e veneração daqueles povos. A minha educação intellectual porem me havia transviado desse caminho e a leitura de livros, onde se apresentavão os erros e se satyrisavão as crenças do catholicismo, haviam feito, de mim, um desses homens que se comprazem em mostrar seus conhecimentos, nesses ramos de estudos philosophicos. Sentia prazer em discutir as doutrinas theológicas e procurava argumentar com padres cuja ignorância me dava fácil vitória sem reparar que vencendo-os na discussão atrahia um inimigo religioso, pois que o sacerdote, venerado pelo povo, com facilidade elle me indispunha. Quando conheci o caminho errado que trilhava, já o povo me considerava como verdadeiro herege (PAULA SOARES, 1977, p. 16).

Evidencia o texto um autor opinativo, debatedor, contrário ao catolicismo, posição essa que evidenciará em diferentes momentos de sua vida, inclusive na discussão do currículo da Escola Normal de Porto Alegre, quando defende a separação entre Pedagogia e Religião².

² A indiferenciação entre conteúdos de ensino era comum na educação no século XIX em várias províncias (WERLE, 2003, p. 254 ss). Em relatório datado de 1872, dirigido ao Inspetor Geral de Instrução Pública, o diretor da Escola Normal, Pe. Caciue de Barros, a quem Francisco de Paula Soares substitui em 1875, já enfatizava a necessidade de criar "uma cadeira especial de pedagogia, separada esta da cadeira de gramática, para que seu professor possa dar extensão prática a todos

Tenho plena convicção de que nada há mais de perigoso do que atacar bruscamente as crenças religiosas de um povo ignorante que até mesmo o fanatismo deve ser combatido com a maior prudência e critério. Não tolera o povo que se ataquem as crenças a que está habituado a amar, desde a adolescência, as crenças que mãe ensinou ao filho a balbuciar e quando o fazia adormecer, com os cânticos de louvor, contidos nas orações e preces a Jesus, à Virgem e aos Santos. Só é dado aos espíritos amadurecidos pelo estudo, e iluminados pela razão, poder discernir o que é verdade do que é fallaz, em matérias tão transcendentais. (PAULA SOARES, 1977, p. 17)

Mesmo não sendo defensor do catolicismo, Paula Soares registra seu interesse pela cultura material da Igreja, referindo mosteiros, seminários, tempos e capelinhas em sua viagem, bem como escolas. O fragmento que segue informa acerca de um dos momentos de sua estadia em Braga. *“Não tive ocasião de visitar o palácio do Arcebispo e por isso não posso emitir juízo, a respeito, podendo, apenas, dizer que o seu exterior é magestoso. Igualmente nada sei sobre o mérito do seu Lyceo, nem de suas escolas de instrução primária e secundária.”* (PAULA SOARES, 1977, p. 34)

Percebe-se, na prática da escrita, elaborada há 156 anos atrás, uma viva narrativa da vida. Nestes exemplos uma pessoa refletindo, narrando, revisitando relações, elaborando e reelaborando compreensões.

SEGUNDA NARRATIVA - há 130 anos

Tempos depois de sua viagem a Portugal e na condição de Diretor da Escola Normal de Porto Alegre, Francisco de Paula Soares se dirige ao Diretor Geral de Instrução Pública avaliando a situação de crise POR que passa o estabelecimento e traçando planos para a sua revitalização. Sendo o professor mais antigo da escola - 26 anos de exercício efetivo - assume, em 1^o. de junho de 1875, a direção numa situação de crise, fazendo um relato ao Diretor de Instrução Pública dos primeiros seis meses de gestão, em janeiro de 1876.

os ramos de ensino da Escola” (apud Schneider, 1993, p. 466). Entretanto, o que Francisco de Paula Soares defendia, conforme registra sua correspondência ao Diretor Geral de Instrução Pública, em 1876, era a separação da Pedagogia em relação ao ensino de Religião.

Logo que assumi o exercício, reuni a congregação dos professores, afim de organizar um horário das lições, pois aquelle que se achava em execução era defficiente em extremo, e parecia só ter-se nelle attendido às commodidades do professor de grammatica e de pedagogia. Com effeito, dando a mor parte dos professores dez lições por semana, esse professor de grammatica e pedagogia, que também o é de história sagrada, dava apenas cinco lições, reunindo os alumnos dos três annos, cujo número era maior de oitenta, em uma só classe para dar uma lição de uma hora. Eu não podia nem devia consentir na continuação de semelhante pratica tão prejudicial ao ensino de uma das mais importantes matterias, e que revela da parte do professor ou a mais supina ignorância nos preceitos pedagógicos, ou o mais andaz egoísmo.(...) para tornar essa prática possível, mesmo pelo modo simultâneo, seria indispensável que a lição durasse pelo menos tres horas, e que ainda assim, para que esse ensino não fosse prejudicial, deverião os alumnos do 2º e 3º annos ter conhecimentos grammaticaes pouco vulgares. (PAULA SOARES, 1876)

O professor que lecionava gramática, pedagogia e religião na Escola Normal e a quem Francisco de Paula Soares criticava, era Pe. Caciue de Barros³, primeiro diretor da referida escola, a quem Paula Soares avaliava como intrigante e desleal. Por outro lado, o pouco apreço que tinha pelo ex-diretor da escola também era registrado na avaliação que fazia do nível insuficiente demonstrado POR SEUS ALUNOS nos exames de gramática. A análise que Paula Soares fazia da situação referia que os alunos dominavam as demais matérias mas não Gramática, da qual Pe. Caciue era professor.

³ No Estado da Bahia, nasceu, em 18 de agosto de 1831, Joaquim de Barros. Realizou curso seminarístico e lecionou no conhecido estabelecimento de ensino da Bahia, o Ginásio Bahiano, dirigido por Dr. Abilio Cezar Borges. Lecionou, no Rio de Janeiro, no Curso de Preparatório do Magistério do Colégio S. Bento e no Colégio Pedro II. Em 1862, chega a Porto Alegre onde leciona no Seminário D. Feliciano sendo, posteriormente, convidado a dirigir a Escola Normal. O Pe. Caciue foi quem instalou e organizou a Escola Normal na Provincia. Quando a Escola Normal foi declarada dependente do diretor do Atheneo Rio-grandense, que lhe preexistia, foi o Pe. Caciue quem, depois de reiterados esforços, conseguiu a necessária autonomia para ela. Seu trabalho em Porto Alegre está vinculado à institucionalização da Escola Normal e a iniciativas de assistência à população desvalida. A Sociedade Humanitária Pe. Caciue compunha-se de três asilos: Asilo Santa Teresa, para a criação e educação de órfãs desvalidas, o Asilo da Mendicidade para abrigar indigentes e decrépitos, e o Asilo São Joaquim para a infância masculina desamparada. (Relatório apresentado ao Conselho da Sociedade Humanitária Pe. Caciue pelo Dr. Pitta Pinheiro Filho em 1943. Porto Alegre: Thurmann, 1944). Pe. Caciue faleceu em Porto Alegre a 13 de maio de 1907.

“Desde 1846 que alguns dignos deputados provinciaes reconhecião a necessidade da creação de uma Escola Normal para preparar os educadores da mocidade, porém, causas diversas obstarão a realização de tão importante melhoramento. Como deputado apresentei na sessão da Assembléia Provincial em 1864 um projecto de reforma do Lyceo, no qual se consignava a creação dessa escola, mas elle passou em segunda discussão em 1867, e não pode ser convertido em lei por falta de tempo, autorisando-se, porém, a presidência por artigo da lei do orçamento, a que organisasse essa escola sobre as bases consignadas naquelle projecto. O regulamento de 1869 sophismou de tal modo essa lei, e deu tão deficiente e viciosa organização a esse estabelecimento, que a Assembléia Provincial de 1871 fez nova reforma”.

Se as narrativas anteriores bem demonstram uma síntese interpretativa da situação da Escola Normal e acenam para reformas, nesse último trecho, Paula Soares recorre a suas vivências como político encaminhando propostas de reorganização das provas e critérios de admissão de candidatos à Escola Normal.

“Sendo o fim principal de uma Escola Normal ensinar seus alumnos a transmittirem pelos methodos, modos e processos mais convenientes o conhecimento das differentes matérias do ensino primário, é claro que os matriculados devem já saber estas matérias quando se vierem matricular, pois que ahi vão aprender os meios mais proficuos de os ensinarem, aperfeiçoando-se no conhecimento dellas e adquirindo idéas geraes sobre varias matérias do ensino secundário, necessárias para ilustrar seu espírito, e para melhor poderem comprehender as do ensino primario. É portanto indispensável que o exame de sufficiencia exigido para a matrícula não seja tão perfunctorio, como tem sido até agora. Entendo que se deve exigir que o matriculando saiba ao menos escrever correctamente e analysar e reger qualquer trecho de algum de nossos prosadores clássicos, igualmente deverá saber arithmética até as proporções, e geografia phisica e política”.

Paula Soares, de forma sintética, encadeia descrições, análises, interpretações de forma contextualizada, apontando conseqüências:

A primeira é a que se deve alterar o plano actual dos estudos e organizar um programma que comprehenda todas as matérias que devem ser ensinadas, com as suas divisões, seguindo-se, na escolha e distribuição dos pontos uma ordem tal que não contrarie o fim principal da Escola Normal. Para a organização de um tal plano e programma só estão habilitados professores provecctos, e por

consequencia uma das medidas mais importantes e urgentes é a de formar um corpo docente, digno de tão honroso quanto difficil encargo. Outra consequencia é a necessidade absoluta de ensinar-se a pedagogia durante os três annos, para poder dar a esse estudo todo o necessário desenvolvimento, e em tal caso seria indispensavel que tal cargo fosse occupado por um professor que não tivesse de ensinar outra matéria.

Em sua análise reflexiva, em que avalia o acontecido e traça projetos de futuro, sugere um perfil de professor. Não um professor de qualquer matéria, mas para o de Pedagogia que deveria, em seu entender, conhecer também Filosofia.

Sendo eu de opinião que a geografia phisica e politica seja exigida como preparatorio para a matrícula da Escola Normal, e que portanto deve essa matéria ser eliminada das do primeiro anno, considero ainda com mais razão que o estudo da história sagrada e da igreja não é proprio para um tal estabelecimento.(...) entendo ser o ensino das matérias religiosas, em quanto ao dogma, incumbência dos theologos nos seminários., e que em sua parte moral esse ensino pertence à família. Além disso essa historia é parte integrante da universal.

A reflexão que registra sobre a situação da Escola Normal incluía também uma análise do currículo e propostas de alteração da formação do professor.

“Parece-me conveniente que fosse ampliado o ensino da geometria, pois considero mui deficiente o que actualmente se dá, e igualmente entendo que tal estudo deve preceder ao da geographia mathematica. O estudo das sciencias phisicas e naturaes é, sem dúvida, de grande proveito, mas para que houvesse resultado vantajoso, julgo indispensável que esses estudos sejam mais praticos do que theoreticos. Seria muito para desejar que houvesse aulas de línguas, (principalmente franceza e allemã) annexas a Escola Normal, e que se desse preferênciam no provimento das cadeiras a quem soubesse alguma dessas línguas”.

É uma narrativa escrita há 130 anos atrás que configura um ponto de vista sobre os problemas da escola, mas que também expressa uma dimensão de futuro, que planeja uma nova escola, um novo currículo que valoriza a Pedagogia até então tratada numa simbiose ambígua com gramática e religião.

Dois exemplos de narrativas. A primeira, de 1850, um ponto de vista sobre o mundo, menos focada que a segunda. A segunda, escrita em 1876, inserida na perspectiva de convencimento e prestação de contas em frente à hierarquia da Diretoria de Instrução Pública, exemplificativa de uma forma de registro da história institucional, expressando uma posição e responsabilidade, a de diretor de escola.

Importante documento que esclarece a polêmica relacionada à destituição do Pe. Cacique, primeiro diretor da Escola Normal de Porto Alegre. Documento que evidencia os debates sobre a posição do ensino religioso, mesmo no período imperial quando a articulação Estado-Igreja era forte. Documento que deixa ver a cooptação havida entre direção e os professores que constituíam a congregação da Escola Normal. Uma escrita de 130 anos atrás que nos fala de registro de acontecimentos relacionados à administração de uma escola, que mostra a função da narrativa como estruturadora de percepções acerca de relações, acontecimentos, com função descritiva mas também apreciativa das situações.

TERCEIRA NARRATIVA – há 63 anos

Fazendo um salto no tempo, situo o Colégio Estadual Paula Soares no século XX considerando o DIÁRIO DE ATIVIDADES DO GRUPO ESCOLAR PAULA SOARES, iniciado em setembro de 1943 pela diretora Fanny Garcia, registrando acontecimentos escolares até o ano de 1950. Foi um livro inaugurado no sétimo mês de exercício da função de diretora denotando, tal como o documento anteriormente comentado, um período semelhante (6 ou 7 meses iniciais na função) em que a direção da escola conhece a organização, seus colegas, a situação institucional e estabelece positivamente ações administrativas. Nele a diretora escrevia diariamente acontecimentos e informações de diferentes tipos. Colava, em suas páginas, fotografias, notícias de jornal referentes à escola, descrevia festas, indicava diariamente o número de alunos matriculados e freqüentes, as alterações de horários, as reuniões de professores e as decisões nelas tomadas, o encaminhamento de licenças de professores e a substituição providenciada, o movimento do gabinete dentário, do gabinete médico, incluía bilhetes e convites que alunos lhe enviavam, como, por exemplo, o de uma turma de 1a. série que iria receber o novo livro de leitura e convidava a diretora para presidir sua entrega.

Nesse diário, por exemplo, está colado o programa radiofônico da semana da pátria irradiado pela rádio da escola indicando cantos, alunos e respectivas apresentações artísticas; o discurso de uma

professora na mesma ocasião; um telegrama do presidente e do secretário da Liga de Defesa Nacional pela participação da escola no desfile e comemorações do 7 de setembro. Informa também acerca da participação dos alunos em eventos da cidade além das relações entre pessoas e turmas dentro da escola.

Dia 17. Havendo duas exposições de grande interesse, organizamos visitas do seguinte modo: 1º.) Exposição de Estatística (Instituto de Educação), comissão de 12 alunos (4º. e 5º. anos) acompanhados da Profa. Marina Lima Nobre. 2º.) Exposição do Estado Novo (Menino Deus), comissão de 10 alunos (também dos 4º. e 5º. anos) acompanhados da Profa. Eugenia Brinco. No 2º. turno tivemos uma linda festa, de uma significação toda especial para a Escola – Entrega do “2º. livro de leitura” a uma turma de alunos que já esta alfabetizada. A festa se realizou no 1º. ano B (Profa. Dalva Guimarães) com o comparecimento de todas as professoras do 1º. ano e senhoras mães. Matrícula 1144. Frequência: 908 (p.13).

Tendo colado no Diário o convite dos alunos, a diretora assim registra: “A festa do 1º. ano B esteve ótima. Os alunos leram seus “trabalhos” e receberam os “livros” com muita alegria e entusiasmo. Alguns disseram versinhos, cantaram, etc. É mais uma turminha que está alfabetizada”(p.17) Está nitidamente assentada nessa narrativa a preocupação com o pedagógico, com o aproveitamento dos alunos e sua alfabetização. O diário das atividades da escola refere também o contexto de civismo e patriotismo da época, seja pelas inúmeras festas comemorativas, seja em campanhas das quais alunos e professores se envolviam, embora inexistam registros das condições para operacionalizar os deslocamentos de alunos e professores para participar de eventos na cidade representando a escola, tais como o a seguir transcrito.

Dia 20. Realizou-se hoje a cerimônia de batismo do “Itagiba” (o avião doado à FAB pelo povo do Rio Grande). Tendo nosso Grupo cooperado com grande entusiasmo para a sua aquisição, uma comissão de alunos foi assistir à solenidade. Acompanharam as crianças a diretora e as professoras Eugenia Brinco e Lúcia Rezende. (p.14)

No dia 2 de outubro, por exemplo, a diretora registra questões de cunho pedagógico relacionadas ao nível de aproveitamento dos alunos e controles exercidos pela hierarquia do sistema de ensino, mais

especificamente pelo C.P.O.E, que era um órgão técnico e de assistência especializada subordinado ao Departamento de Educação Primária e Normal⁴. Em 20 de junho de 1943, por exemplo, a diretora registra “*atendendo a um pedido do CPOE os alunos do Jardim de Infância foram pesados e medidos no gabinete médico*” (p. 63). Essa recomendação que chegava até a escola emanava do Ministério da Educação e Saúde que emitia uma série de prescrições alimentares, recomendando inclusive pesadas mensais anotadas em fichas de registro individual (COIMBRA, MEIRA, STARLING, 1982, p. 259).

As 9 ¾ hs houve uma reunião com as Professoras do 1º. ano, para falarmos sobre as causas que estão dificultando a aprendizagem, pois, de um modo geral, as aprovações previstas não satisfizeram o Centro de Pesquisas e Orientação Educacional. São diversos os fatores: freqüência, movimento de alunos que se retiram ou ingressam na classe, nível mental (aulas mistas por necessidade dos alunos), organização tardia das aulas, etc. As 10 ¾hs entrega do segundo livro aos alunos do 1º. B4. Todos eles escreveram (2 a 2) à pedra frases com as principais dificuldades da escrita. (p.20)

As narrativas assentadas nesse livro diário da escola, como atos de escrita, expressam olhares, informações e registram versões acerca dos acontecimentos escolares, das políticas públicas e da história institucional. Falam de políticas da Secretaria Estadual de Educação e Cultura e sua implementação no colégio, como, por exemplo, a criação de classes para atender aos que desejassem ingressar no curso ginásial secundário. Assim, no dia 17 de abril de 1944, há um recorte de jornal colado no diário o qual divulga que, com o intuito de atender crianças que concluíram o curso primário, 5º. ano das escolas públicas da capital e desejassem ingressar no curso ginásial secundário, a Secretaria de Educação e Cultura determina que o Grupo Escolar Paula Soares organizasse uma “Classe especial”, a qual entraria em funcionamento apenas no Grupo Escolar Paula Soares (p. 55). Este registro expressa uma das características que o então Grupo Escolar Paula Soares assumiu no sistema de ensino do Estado, o de ser um espaço de experimentação onde eram criados classes e cursos experimentais.

⁴ Era função do CPOE realizar estudos e investigações psicológicas, pedagógicas e sociais, destinadas a manter as bases científicas do trabalho escolar, conforme Decreto 794, de 17 de junho de 1943 (QUADROS, 2005, p.127).

Um outro exemplo de registro que demonstra a articulação da educação pública com a situação política mais ampla, o momento de adesão nacionalista da época e o papel do Grupo Escolar Paula Soares, um dos mais centrais da capital, foi o registrado em junho de 1943, ao qual a escola respondeu de forma imediata e positiva: *“Por solicitação da Delegacia de Ensino, organizamos hoje duas listas de contribuição para aquisição de flâmulas para as ‘Forças Expedicionárias’ (uma de professoras e outra de alunos) atingindo ambas a importância de Cr \$ 231,60 (duzentos e trinta e um cruzeiros e sessenta centavos). Esta quantia junto com as duas listas foi enviada à Delegacia de Ensino, conforme Ofício no. 12 B, desta data”* (p.63).

Esses poucos trechos aqui revelados demonstram como os acontecimentos não falam por si, mas são construídos numa narrativa encadeada, entremeadada por materialidades variadas que indicam outros atores presentes na cena além daquele que escreve. Chama a atenção, nesse livro de registro das atividades da escola, a marcante presença dos alunos. Eles aparecem como aqueles que desenham e escrevem programas, convites, bilhetinhos, como os que desfilam, os que marcham, os uniformizados, os fotografados, os que são medidos, pesados, anotados. Aparecem como os que estão matriculados e os que são freqüentes, como os que aprendem, alfabetizam-se e por isso festejam os novos livros de leitura; avançam na escolaridade. São também os neo-comungantes, os que recebem vacinas, que participam de campanhas. Aparecem como os que, sendo objeto de preocupação na escola, por sua conduta em festas e desfiles externos e por seu aproveitamento escolar, requerem reuniões especiais de professores.

O prédio da escola aparece com identidade. Cada sala de aula recebe designação especial: sala México, sala Paraguai, etc. Figuram também os serviços médicos, a biblioteca, os pátios, embora as ações de conservação, manutenção, segurança e limpeza não apareçam nos relatos da diretora no ano de 1943. Apenas no mês de novembro de 1943, há registros que prenunciam obras na escola, tais como o comparecimento de engenheiro da Secretaria das Obras Públicas para examinar o prédio e combinar o trabalho que deveria ser feito nas férias, o depósito de material para o trabalho que seria feito no prédio, *“ainda este ano. Ficará o ‘Paula Soares’ com as instalações que há tanto deseja? Esperamos que assim aconteça...”* (p. 41). Com referência às reformas do prédio no início do ano de 1944, há vários registros demonstrando o atraso de sua conclusão e as dificuldades de iniciar o ano letivo. Finalmente, no dia 30 de setembro de 1944, foi reinaugurado

oficialmente o Grupo Escolar Paula Soares, havendo no diário fotos, convites, lembranças, discursos marcando as festividades.

Dentre as ações de apoio a alunos, são insistentes as referências ao atendimento do gabinete médico, dentário e trabalho da educadora sanitária, campanhas de vacinação, medições e pesagem dos alunos, bem como visitas ao Centro de Saúde para realização de abeugrafia. Assim, no dia 24 de setembro de 1943, foi feito o registro: “*Nosso médico está aplicando uma vacina nos sub-nutridos por ordem da D.E.S. Apesar de declarar aos alunos que não correm nenhum perigo, temos recebido inúmeras reclamações dos Srs. Pais. E é tão difícil fazê-los compreender que estas medidas são tão necessárias!*” (p. 16). O Diário da escola mencionava também o movimento mensal do gabinete dentário, a quantidade de alunos atendidos por tipo de tratamento feito. Ações referentes à alimentação escolar são igualmente registradas no diário da escola. “*Visitou-nos também a Srta. Judith Totta que atende as despesas da sopa nos Grupos da Capital. No nosso ainda não está funcionando esta instituição porque a sala de merenda está em obras*” (p. 62). Pela análise do conteúdo registrado, é possível identificar a repercussão, no nível escolar, de um saber nutricional que se constituía e que embrionariamente poderia tornar-se política pública voltada para o atendimento alimentar e nutricional do escolar. As Caixas Escolares, instituições já tradicionais, deveriam ser mobilizadas num esforço de racionalizar a alimentação escolar (COIMBRA, MEIRA, STARLING, 1982, p. 242). Em 21 de dezembro de 1944, registra-se:

uma comissão de alunas foi ao Palácio fazer a entrega à Exma. Sra. Fabíola Dornelles de um álbum contendo as assinaturas de todos os alunos que tomaram sopa durante o ano (desde a Classe Especial até o Jardim). Este álbum está assim organizado. Capa – com a flâmula do Grupo, confeccionada em feltro. 1ª. folha – fotografia do Grupo. 2ª. folha – a sala da merenda – desenho do aluno Breno Santos. 3ª. e 4ª. folhas – cartinha, oferecendo o álbum, agradecendo as verduras recebidas durante o ano e desejando felicidades pelo Natal e Ano Novo. 5ª., 6ª., etc fls. – assinatura dos alunos sub-nutridos. (p. 127)

Os registros referentes à Caixa Escolar⁵ exemplificam outro tipo de ação de apoio a alunos. De diversas formas eram buscados os

⁵ Caixas Escolares eram associações de auxílio constituídas por alunos e pais, geridas e financiadas pelos sócios de maneira autônoma. “As Caixas Escolares, sempre foram, uma solução

objetivos da Caixa Escolar, como, por exemplo, em reunião de professores, um dos assuntos tratados foi “cobrança da caixa escolar, aviso aos alunos de que só receberão ‘boletins’ os que não estiverem em atraso” (p.36). Em junho de 1944, a diretora registra uma iniciativa para dar sustentação à Caixa Escolar: “Realizou-se hoje um espetáculo de magia em benefício da Caixa Escolar apresentado pelo Sr. Alziro Mello, com um interessante programa. O lucro foi dividido entre este senhor e a Caixa Escolar” (p.61-61).

Ao final de cada mês, era feito um balanço registrando os dias letivos, matrícula no mês em relação à frequência e percentagem de frequência. No final do ano, também sob a forma de quadro era referido o movimento do gabinete dentário discriminando o número de alunos por tipo de atendimento, dias e horários de trabalho do dentista e o trabalho dedicado da educadora sanitária. Encerradas as atividades letivas anuais, há registros de matrícula inicial, geral e real, percentagem anual de frequência e percentagem de promoção discriminando do 1º. ao 5º. ano.

Este DIÁRIO DE ATIVIDADES DO GRUPO ESCOLAR PAULA SOARES foi escrito por uma pessoa, a diretora. De 1943 até 7 de março de 1946, por Fanny Garcia. Assumiu em 22 de abril como diretora Ana Zita Texeira Braescher, que era diretora da Escola Experimental Fernando Gomes, estabelecimento esse que foi incorporado ao Paula Soares por determinação do Governo do Estado (p. 212). A nova diretora permaneceu na função por um mês, afastando-se em 17 de maio para assumir cargo na Secretaria da Educação e Cultura. (p. 217). Assume, a partir de maio de 1950, Marina Souza Lima Nobre, que exercia função de secretária da escola (p. 212). Mais uma vez, comprova-se que esses diários da vida institucional são obras de múltiplos autores, os quais marcam com ênfases e estéticas peculiares o período em que foram responsáveis pela escrita da história institucional. Esses livros de registro contextualizam a vida institucional e são importantes elementos para a compreensão dos processos de gestão, dos níveis de autonomia da escola, das estratégias interativas adotadas pela escola para com outros estabelecimentos de ensino, com o poder público e com outras forças da

de compromisso para fazer frente à insuficiência de recursos postos à disposição do sistema de ensino no Brasil. (...) Eram formadas por Associações de Auxílio, ou equivalentes, de pais de alunos e pessoas interessadas e em condições de contribuir, financeiramente ou em bens, para que as escolas pudessem dispor de coisas essenciais, como material de ensino, de limpeza, de conservação, em alguns casos pudessem contratar pessoal de faxina, em outros comprar uniformes para alunos pobres, tudo, enfim, que fosse definido como necessário e que não era provido pelo governo”. (COIMBRA, MEIRA, STARLING, 1982, p. 296).

comunidade, bem como de atividades de formação características de cada momento histórico. Tais diários são narrativas “do momento”, redigidos no calor dos acontecimentos. Nisso se diferenciam de relatórios de final de ano letivo.

Os Diários institucionais levam a marca de seu tempo, trazem a história do país, as ênfases de políticas públicas. É marcante no diário descrito a marca de nacionalismo e culto cívico do período do Estado Novo, comprovando que as práticas são marcadas historicamente e seus significados e importância são construídos em situações específicas.

QUARTA NARRATIVA – há 4 anos

O Colégio Paula Soares ainda hoje mantém registros de sua história, mas mais na forma de portfólio.

“O conceito de portfólio sofreu uma migração que o levou da área de artes, onde se mantém, para a da educação e da formação, onde o conceito tem assumido novas colorações... A concepção original de portfólio encerra a idéia de apresentação do artista através das suas obras mais características a fim de que outros possam apreciar e avaliar o seu valor a partir do que ele próprio considera mais significativo.... construção pessoal de seu autor, que seleciona os seus trabalhos, os organiza, os explica e lhes dá coerência” (ALARCÃO, 2003, p. 56).

Um exemplo é o livro em que foi registrada uma gincana e as manifestações artísticas associadas a esse evento. Num momento histórico em que as imagens falam por si, o livro de registros dos fatos da escola constitui-se pela colagem de diferentes materiais: fotos, ofícios, programação. Neste tipo de registro, não estão presentes as opiniões, as apreciações e o movimento de tomada de decisão, mas o que aconteceu, quase na forma de comprovação dos fatos.

A escrita é uma forma de reflexão sobre a prática, de atribuir sentido aos acontecimentos, aos que nos fazem sentido. Como afirma Larrosa (2002, p. 21), “pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’,... mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”. Os quatro exemplos trabalhados neste texto indicam-nos que descrever e refletir sobre práticas escolares é uma forma de reconstruí-las, entendê-las, prolongá-las e socializá-las. Permite revisitá-las e sobre elas construir novos entendimentos. Ou ainda, como afirma Isabel Alarcão (2003, p. 52), “O ato de escrita é um encontro conosco e com o mundo que nos cerca. Nele encetamos uma fala com o nosso

íntimo e, se quisermos abrir-nos também com os outros. Implica reflexões a nível de profundidade variados. As narrativas revelam o modo como os seres humanos experienciam o mundo”.

Embora carregado de importância, o ato de escrever nem sempre é fácil. A prática da escrita diária nem sempre é fluida. Mesmo no DIÁRIO DE ATIVIDADES DO GRUPO ESCOLAR PAULA SOARES, há datas em que a diretora apenas escrevia “nada a registrar”, ou ainda apenas registrava a matrícula e a frequência do dia, ou mesmo escrevia apenas “boa frequência”. Nesses dias, seu olhar não distinguia no cotidiano da escola a relação, o fato, ou mesmo faltava-lhe o tempo e o impulso para a escrita e a reflexão/registro sobre o dia.

Este texto, retomando alguns documentos históricos relacionados ao Colégio Estadual Paula Soares, destaca as muitas formas que as narrativas podem assumir. Na primeira parte, assumiram um caráter autobiográfico; nas demais, tematizaram a instituição escolar tal como afirma Alarcão (2003, p. 54) “As narrativas podem incidir sobre o próprio professor, assumindo assim um caráter autobiográfico, mas podem também ter como foco de atenção os alunos, a escola o comportamento da sociedade ou dos políticos perante a educação, isto é, tudo aquilo que permita compreender as finalidades e os contextos educativos”.

Os registros institucionais explicitam a importância da reflexão como prática social e coletiva. Embora os registros do DIÁRIO DE ATIVIDADES DO GRUPO ESCOLAR PAULA SOARES tenham sido escritos pela diretora ou pela pessoa que, mesmo interinamente, respondia pela direção da escola, constata-se o trabalho coletivo, o pertencimento da escola ao sistema de ensino, a articulação com os pais, com a sociedade.

Talvez a impessoalidade marque os registros institucionais do século XXI, resquícios da conotação burocrática dos sistemas públicos de ensino ou, numa segunda hipótese, evidência do esmaecimento das posições de mando pela emergência de equipes diretivas em substituição à centralização e autoridade representada por um único diretor na escola.

Por fim, é preciso destacar a importância de retomar a prática dos registros reflexivos sobre a vida institucional, de seus grupos de estudo, departamentos e serviços, dando a ver a escola como espaço de autonomia e re-significação das políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003.
- COIMBRA, Marcos, MEIRA, João Francisco Pereira de, STARLING, Mônica Barros de Lima. *Comer e aprender: uma história da alimentação escolar no Brasil*. Belo Horizonte: INEP, 1982. (relatório de pesquisa).
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, p. 20 – 28, jan./abr. 2002.
- PAULA SOARES, Francisco. *Uma viagem a Portugal*. Francisco de Paula Soares Neto Editor. S.local, 1977.
- PAULA SOARES, Francisco de. *Carta* endereçada ao Dr. Rodrigo de Azambuja Villa-Nova, Diretor Geral de Instrução Pública pelo Diretor da Escola Normal. Porto Alegre, 24 de jan. 1876.
- QUADROS, Claudemir de. *Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – CPOE/RS: discursos e ações institucionais*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. (Programa de Pós-Graduação em Educação. Proposta de tese).
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação e Cultura. Grupo Escolar Paula Soares. *Diário* das Atividades do Grupo Escolar Paula Soares. No. 16 C. Porto Alegre, S.Ed. 1º de set. 1943. Manuscrito.
- SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, Jose Claudinei & NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. *Fontes, História e Historiografia da educação*. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 3 – 12.
- WERLE, Flávia Obino Correa. História das instituições escolares: responsabilidades do gestor escolar. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, n.3, p. 109 - 121, jan./dez. 2004.
- WERLE, Flávia Obino Corrêa. Modernizando os cursos de formação de professores: disciplinarização da Pedagogia e deslocamento da prática. IN: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org). *Formação continuada e gestão da educação*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 251 – 304.

Flávia Obino Corrêa Werle concluiu o doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1993. Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, colabora como assessora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul, é bolsista produtividade 1C do CNPq, consultor ad hoc da Fundação de Ciência e Tecnologia do Estado de Santa Catarina e Fundação Ford; é membro efetivo da Sociedade Brasileira de História da Educação e da Associação Nacional de Política e Administração da Educação.
E-mail: flaviaobinowerle@pro.via-rs.com.br
